

**FACULDADE SESI DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM LINGUAGENS**

**ANA BEATRIZ COUTO FERNANDES E STEFANY ARAUJO DA SILVA**

**ESTRATÉGIAS DOCENTES NA PRÁTICA: ROTINA DA INCLUSÃO ESCOLAR**

**São Paulo  
2023**

**ANA BEATRIZ COUTO FERNANDES E STEFANY ARAUJO DA SILVA**  
**ESTRATÉGIAS DOCENTES NA PRÁTICA: ROTINA DA INCLUSÃO ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Linguagens da Faculdade SESI de Educação de São Paulo. Linha de pesquisa: Ações educacionais e suas implicações em relação à formação de professores, às políticas educacionais, à produção de saberes e conhecimentos interdisciplinares, em contextos de educação básica, na perspectiva de educação inclusiva para todos.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Ms. Ane Patrícia Flora.

**São Paulo**  
**2023**

**ANA BEATRIZ COUTO FERNANDES E STEFANY ARAUJO DA SILVA**

**ESTRATÉGIAS DOCENTES NA PRÁTICA: ROTINA DA INCLUSÃO ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Linguagens da Faculdade SESI de Educação de São Paulo. Linha de pesquisa: Ações educacionais e suas implicações em relação à formação de professores, às políticas educacionais, à produção de saberes e conhecimentos interdisciplinares, em contextos de educação básica, na perspectiva de educação inclusiva para todos.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Ms. Ane Patrícia Flora.

São Paulo, de NOVEMBRO de 2023.

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof.<sup>a</sup> Dra. Renata Palumbo Faculdade Sesi – SP de Educação**

---

**Prof.<sup>a</sup> Ms. Ane Patrícia Flora Faculdade Sesi – SP de Educação**

**SÃO PAULO**

**2023**

## AGRADECIMENTOS

Nossos agradecimentos a todas as pessoas que fizeram parte da primeira e maior produção acadêmica de nossas vidas:

A nossa orientadora, Prof.<sup>a</sup> Ms. Ane Patrícia Flora e Prof.<sup>a</sup> Dra. Renata Palumbo que apoiaram e aplaudiram nossas fases evolutivas durante toda a graduação e realização deste trabalho.

A coordenação e todos os professores que nos acompanharam e incentivaram em todo o percurso ao longo da graduação e realização deste trabalho.

Aos alunos neuro divergentes e deficientes que tivemos a valiosa oportunidade de acompanhar, nos proporcionando um novo propósito profissional.

### Agradecimentos de Ana Beatriz

O processo construtivo da nossa pesquisa foi tão valioso quanto nosso produto final, as inúmeras correções, as constantes leituras teóricas e os longos momentos de escrita. Se passássemos por isso sozinhas, não teria sido tão leve quanto foi, tornaram-se divertidas correções, interessantes leituras teóricas e descontraídos momentos de escrita ao lado da minha dupla, amiga e irmã.

Agradeço a Stefany, minha *sorella della vita*, por confiar em mim e em nossa pesquisa, agradeço pela conexão mental que temos, pelo apoio e cumplicidade. Que felicidade poder dividir com você, nosso maior feito.

Agradeço a Deus, por ter me sustentado para que tudo fosse possível mediante a tantas adversidades.

Agradeço às pessoas que investiram suas vidas na minha, Roberta e Roberto, pelas constantes discussões, broncas, conselhos e o amor incondicional. Espero um dia retribuir todo o esforço que vocês tiveram em fazer de mim, a melhor versão de vocês.

### Agradecimentos de Stefany

Neste longo percurso, deixo aqui registrado os meus agradecimentos a minha dupla, Ana Beatriz, por ter sido minha amiga, irmã e companheira em todo nosso percurso de formação, por termos embarcado nessa pesquisa juntas de forma muito especial, podendo dividir nossas experiências, anseios e conquistas no decorrer de nossa trajetória. Agradeço por acreditar em mim e mostrar que fomos feitas como *sorella della vita* uma para a outra.

A Deus pela oportunidade de poder chegar até aqui.

Aos meus pais, que estiveram ao meu lado e sempre me apoiaram desde o começo.

Aos meus irmãos e minha cunhada por não me deixarem desistir e me incentivarem a continuar.

A minha família por acreditarem em mim.

A todos, que de alguma forma, contribuíram para essa formação.

## EPÍGRAFE

*“Não haverá borboletas se a vida não passar por  
longas e silenciosas metamorfoses.”*

**(Rubem Alves)**

## RESUMO

O presente trabalho tem como propósito analisar e discutir as diferentes possibilidades de aperfeiçoamento das práticas inclusivas da Rede SESI-SP, na perspectiva da educação especial, a partir das Diretrizes do Desenho Universal de Aprendizagem (DUA) adotadas por esta instituição de ensino. Cientes dos desafios que os docentes, inclusive em formação, enfrentam com a diversidade dos alunos em sala de aula, questionamos: De qual modo os princípios da inclusão são colocados em prática na sala de aula e no dia a dia da rotina escolar dos alunos? Para discutir a inclusão, investiu-se no conhecimento das Leis que defendem e promovem a inclusão e para fundamentar esta pesquisa, baseamo-nos em entendermos inclusão escolar por MANTOAN (2003), a necessidade do acolhimento inclusivo segundo MEDEIROS (2009) sobre as Desenho Universal de Aprendizagem de acordo com Sebastian (2020) dentre outros. Através do estudo de caso de caráter qualitativo, realizado com docentes da escola SESI de São Paulo. Os dados da pesquisa foram obtidos por meio de estudo de caso, realizado em sala de aula com alunos alvo de educação inclusiva e um questionário com profissionais da rede Sesi, no quais atuam com esses alunos. Nos quais têm demonstrado que para que uma inclusão efetiva aconteça em sala de aula, é preciso trilhar caminho rumo à formação permanente dos professores e criar condições para que o trabalho desenvolvido possa ter continuidade. A formação qualificada e direcionada para trabalhar com alunos alvo de educação inclusiva pode garantir não somente a inclusão escolar como também a inclusão social, fatores imprescindíveis para alcançarmos uma sociedade mais igualitária e justa, garantindo a todos o exercício da cidadania. Os resultados também permitiram constatar que para os docentes de Linguagens alguns fatores impactantes existem entre teoria e prática vivenciadas em sala de aula, assim como a falta de capacitação profissional adequada, adaptação do espaço escolar, falta de recursos e materiais apropriados.

**Palavras chave:** Inclusão; Educação especial; Professor; Rotina.

## **ABSTRACT**

The purpose of this work is to analyze and discuss the different possibilities of improving the inclusive practices of the SESI-SP Network, from the perspective of special education, based on the Universal Learning Design Guidelines (UDL) adopted by this educational institution. Aware of the challenges that teachers, including those in training, face with the diversity of students in the classroom, we ask: How are the principles of inclusion put into practice in the classroom and in the students' daily school routine? To discuss inclusion, we invested in the knowledge of the laws that defend and promote inclusion and to support this research, we based ourselves on understanding school inclusion by MANTOAN (2003), the need for inclusive reception according to MEDEIROS (2009) on the Universal Design of Learning according to Sebastian (2020), among others. Through a qualitative case study, carried out with teachers from the SESI school in São Paulo. The research data were obtained through a case study, carried out in the classroom with students targeted by inclusive education and a questionnaire with professionals from the Sesi network, in which they work with these students. In which they have shown that in order for effective inclusion to happen in the classroom, it is necessary to follow the path towards the permanent training of teachers and create conditions so that the work developed can be continued. Qualified and targeted training to work with students targeted by inclusive education can guarantee not only school inclusion but also social inclusion, essential factors to achieve a more egalitarian and just society, guaranteeing the exercise of citizenship to all. The results also showed that for Language teachers, there are some impacting factors between theory and practice experienced in the classroom, as well as the lack of adequate professional training, adaptation of the school space, lack of resources and appropriate materials.

**Keywords:** Inclusion; Special education; Teacher; Routine.



## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

FASESP – Faculdade Sesi – SP de Educação

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

SESI SP – Serviço Social da Indústria de São Paulo

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

DUA – Desenho Universal de Aprendizagem

PTD – Plano de Trabalho Docente

PTDE – Plano de Trabalho Docente Específico

EFEI – Estagiário Facilitador da Educação Inclusiva

TEA – Transtorno do Espectro Autista

TAB – Transtorno Afetivo Bipolar

PAEE – Público alvo da Educação inclusiva

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 CAPÍTULO: INCLUSÃO ESCOLAR, O QUE É?	13
1.1 A pessoa com deficiência na história	15
1.2 A importância do acolhimento e da formação docente inclusiva	18
2 CAPÍTULO: DUA - DESENHO UNIVERSAL DE APRENDIZAGEM	21
2.1 Sesi e suas iniciativas inclusivas	24
2.2 Plano de trabalho docente específico	26
3. METODOLOGIA	30
3.1 Contexto da pesquisa e a coleta de corpus	30
3.2 Descrição dos procedimentos adotados para análises	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	41
APÊNDICES	43
APÊNDICE A - ESTUDO DE CASO ANA BEATRIZ	43
APÊNDICE B - ESTUDO DE CASO STEFANY ARAUJO	47
APÊNDICE C - AVALIAÇÕES DIAGNÓSTICAS PTDE	50
APÊNDICE D - ENTREVISTAS	51

## INTRODUÇÃO

O tema da pesquisa para esse Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Linguagens da Faculdade Sesi-SP de Educação (FASESP), tem sua inspiração na proposta da própria instituição. A faculdade é fruto do Serviço Social da Indústria (SESI), que está posicionado entre uma das maiores e mais tradicionais redes de ensino do Estado de São Paulo.

A FASESP nasceu do desejo de contribuir para a educação brasileira e almeja alcançar esse objetivo através da formação de professores de alta qualidade em suas áreas específicas de conhecimentos: Matemática, Linguagens, Ciências da Natureza e Ciências Humanas.

Os licenciandos são envolvidos na experiência da docência já no início da graduação, na chamada Residência Educacional. É nesse lugar que as vivências em situações reais do cotidiano escolar e principalmente de sala de aula acontecem. Além disso, a Orientação Educacional é o espaço para os residentes levarem suas anotações sobre tudo o que acontece durante a residência. Este é o tempo destinado para os relatos das experiências vividas durante a semana e para a troca de ideias entre si e com o professor orientador.

Os residentes podem observar, analisar e interagir com a coordenação pedagógica, com os professores e com os alunos da escola. As experiências e práticas vivenciadas durante a graduação contribuíram para um olhar mais atento na vivência da nossa residência educacional. E é nesse contexto que se baseia a questão disparadora para essa pesquisa. Ao longo do período de residência, nós duas discentes em formação, Ana e Stefany, além de acompanharmos as turmas dos anos finais do ensino fundamental e ensino médio, observamos, de maneira concomitante, nos anos iniciais um grande desfalque das práticas inclusivas na rotina escolar.

Vale ressaltar que observamos em nossos estudos que a formação dos discentes é deficiente na questão da educação inclusiva ao imputar para segundo plano, a discussão sobre temas de alta relevância na formação de professores inclusivos e conseqüentemente, escolas inclusivas. As práticas inclusivas

deveriam ser uma realidade dentro das escolas, obedecendo ao disposto nas leis de políticas públicas.

O método de ensino inclusivo tem se mostrado cada vez mais presente e ativo nas instituições de ensino brasileiras tanto privadas quanto públicas, e com isso surge a necessidade de mais profissionais aptos e dispostos a tal missão. A inclusão exige que o profissional em sala de aula trabalhe com equidade em prol da evolução dos alunos, com ou sem neuro divergências, para que ambos alcancem o mesmo nível intelectual e de conhecimento, superando suas barreiras de aprendizagem e respeitando suas particularidades, garantindo também a sua permanência durante o seu desenvolvimento escolar.

Mediante ao exposto, a grande questão que ronda nosso estudo é essa ideia de método inclusivo, ou seja discutir: de que modo os princípios da inclusão são colocados em prática na sala de aula e no dia a dia da rotina escolar dos alunos?

Sendo assim, este estudo de caso tem a finalidade de verificar e investigar as condições inclusivas, dentro dos âmbitos escolares. Para assim, entendermos melhor a proposta de uma inclusão efetiva dentro desses contextos, de forma mais ampla e concreta. Já que muitas vezes essa inclusão não acontece de forma efetiva, mesmo com o uso do DUA (Desenho Universal de Aprendizagem) e o PTDE, denominado Plano de Trabalho Docente Específico, ambos utilizados no sistema SESI de ensino, a fim de promover a inclusão escolar.

Dessa maneira, serão analisados os aspectos educacionais e inclusivos segundo Mantoan (2003) e (2015) e Medeiros (2009), os princípios sobre o DUA segundo Sebastian (2020), as iniciativas inclusivas da rede SESI-SP e as definições de Plano de trabalho docente específico segundo o Referencial Curricular de Sistema SESI-SP de ensino (2020). Sendo assim, nossas análises utilizarão de observações participativas qualitativas em forma de estudo de caso, segundo os conceitos de Müller (2013) e Robert K Yin (2001).

Diante desse abismo entre a teoria que nos é apresentada e as revelações da prática inclusiva, decidimos então nos aprofundarmos em pesquisas em torno

da problemática, a fim de divulgar o desfalque das práticas inclusivas no âmbito escolar e buscarmos prováveis hipóteses resolutivas aos futuros docentes.

Esta pesquisa se divide em 3 principais capítulos:

No primeiro capítulo, nosso intuito é aproximar o leitor do tema que dá origem e direciona o desenvolvimento dessa pesquisa, sendo ele, a inclusão, suas vertentes na história e sua importância na formação docente.

O segundo capítulo é composto pelo conceito do DUA, as iniciativas inclusivas da rede SESI-SP e o PTDE.

O terceiro capítulo apresenta os procedimentos metodológicos, as análises e a discussão dos resultados obtidos. E por fim, são apresentadas a conclusão, as referências e os apêndices.

## **1. INCLUSÃO ESCOLAR, O QUE É?**

Para iniciarmos o nosso entendimento sobre o que é inclusão é necessário analisarmos os números e fatos. O resumo técnico do censo de educação básica do Brasil indica que no ano de 2015 o percentual de matrículas de alunos deficientes em classes inclusivas era de 88,4%, um aumento significativo se comparado aos números anteriores a 2010, já o percentual de 2019 é de 92,8%, há um crescimento constante da inclusão nos âmbitos escolares brasileiros e é fato dizer que a rotina dos alunos e professores mudou diante desses números, cabe a nós nos adequarmos a este cenário munidos de conhecimento e disposição. (BRASIL 2020).

O modelo educacional brasileiro nos dá sinais de esgotamento há algum tempo, é nesse conflito de ideias que está implícita a crise de paradigmas, surge o momento essencial para pensarmos nas transformações necessárias para a inclusão escolar, de acordo com Mantoan (2015). Sendo assim a evolução denominada de inclusão escolar necessita do comprometimento de profissionais e da disposição dos mesmos para fazer acontecer uma educação global livre de preconceitos e que valoriza as diferenças, além de possuir um olhar atento aos

questionamentos a certos paradigmas já estipulados sobre as formas de conceber a deficiência e os processos de aprendizagem.

A readequação profissional surge da necessidade de quebra de paradigma, segundo Mantoan (2015, p. 20): “os gregos pensavam que os paradigmas podem ser definidos como modelos ou exemplos abstratos que se materializam de modo imperfeito no mundo concreto.”, ou seja é urgente que tenhamos uma concepção mais atualizada, um conjunto de regras, normas, princípios e valores pré-definidos que nos auxiliam em determinados momentos e contextos, mas que se dissipa conforme o passar do tempo e o surgimento de novas necessidades, conforme Thomas Kuhn, em sua obra intitulada: *A estrutura das revoluções científicas* (1962), e outros teóricos, como Edgar Morin, em: *O paradigma perdido: a natureza humana* (2000), definem paradigma, portanto essa crise do paradigma que traz o seu dissipamento é chamada de revolução científica (MANTOAN, 2015).

Dentro dessa discussão revolucionária que nos é apresentada precisamos nos atentar a diferenciação dos termos integrar e incluir, pois a falta de distinção destas, pode nos levar a uma atuação baseada em paradigmas obsoletos.

De acordo com Mantoan os termos “integração” e “inclusão”, carregam significados semelhantes, no entanto são empregados para expressar situações diversas e fundamentam-se em posições teórico-metodológicas divergentes, segundo afirmações de Mantoan (2015, p. 26):

O processo de integração escolar tem sido entendido de diversas maneiras. O uso de vocábulo “integração” refere-se especificamente à inserção de alunos com deficiência nas escolas comuns, mas seu emprego dá-se também para designar alunos agrupados em escolas especiais (se existentes), grupos de lazer ou residências para pessoas com deficiência.

Dito isso, na integração escolar, o aluno alvo tem acesso às possibilidades educacionais, a sala de aula, uma estrutura educacional, classes especiais em escolas regulares, classes domiciliares, hospitalares, entre outros, porém nem todos os alunos com deficiências participam do ensino regular, pois ocorre uma espécie de seleção prévia para confirmar os que estão aptos a essa inserção nas

palavras de Mantoan (2015, p. 27): “em suma a escola não muda como um todo, mas os alunos têm de mudar para se adaptar às suas exigências”.

Já a inclusão escolar, segundo Mantoan (2015) deve questionar as políticas públicas, a organização no ensino especial, educação comum e o próprio conceito de integração. Deve ser concebida de forma radical, completa e sistemática, onde todos os alunos devem frequentar as salas de aula nos ensinos regulares. O objetivo da integração é apenas inserir o aluno ou um grupo de alunos, antes excluídos. O conceito de inclusão é o oposto disto, ou seja, não deixar nenhum ser humano fora do ensino regular, desde o início da vida escolar. As escolas devem propor um modo de organização em seu sistema que considere as necessidades de todos os alunos e que seja estruturado em função dessas necessidades.

Por fim, a inclusão é uma revolução pedagógica que demanda cooperação de toda equipe profissional envolvida, só acontece a partir de uma mudança de perspectiva uma vez que a inclusão não atingirá apenas os alunos com deficiência ou dificuldade de aprendizagem mas sim todos os alunos envolvidos pois como Mantoan (2015, p. 28) declara: “todos sabemos, porém, que a maioria dos que fracassam na escola não vem do ensino especial, mas possivelmente acabarão nele.”

Nesse sentido, na próxima seção, faremos uma breve introdução sobre a história da inclusão a fim de compreendermos os principais conceitos sobre o tema.

### **1.1 A pessoa com deficiência na história**

Ao compreendermos melhor sobre a concepção da inclusão escolar, é importante entender o processo no qual foi necessário toda a comunidade inclusiva transpassar para chegar até o atual momento com seus direitos em meio a sociedade.

Alguns estudiosos da área da Educação Especial, analisando a sua história em países da Europa e América do Norte, identificam quatro estágios no

desenvolvimento do atendimento às pessoas que apresentam deficiências de acordo com Kirk e Gallagher (1979); Mendes (1979); Sasaki (1997), sendo a primeira fase, marcada pela negligência, ou seja, pela exclusão na era pré-cristã, em que havia uma ausência total de atendimento. As pessoas com deficiência eram abandonadas, perseguidas e eliminadas devido às suas condições atípicas e a sociedade reconhecia essas ações como uma normalidade.

Num segundo estágio, nos séculos XVIII e meados do século XIX, fez-se presente a fase de institucionalização, em que os indivíduos que apresentavam deficiência eram segregados e protegidos em instituições residenciais, de forma em que não eram inseridos na sociedade da forma que deveriam (Referencial Curricular - SESI, p. 240-242).

O terceiro estágio é marcado, já no final do século XIX e meados do século XX, pelo desenvolvimento de escolas e/ou classes especiais em escolas públicas, visando oferecer à pessoa deficiente uma educação à parte, já que através de estudos científicos feitos por Pierre Broca em 1860, foi descoberto que os dois hemisférios cerebrais, funcionam de formas distintas, e que sendo assim, qualquer indivíduo é capaz de se desenvolver intelectualmente e fisicamente, cabendo a aprendizagem para todos.

No quarto estágio, no final do século XX, por volta da década de 70, observa-se um movimento de integração social dos indivíduos que apresentavam deficiência, cujo objetivo era integrá-los em ambientes escolares, o mais próximo possível daqueles oferecidos à pessoa sem deficiência, que é o movimento que estamos atualmente, na qual busca atingir uma inclusão efetiva em meio a sociedade.

A história da Educação Especial no Brasil tem como marcos fundamentais a criação do “Instituto dos Meninos Cegos”, atualmente denominado de “Instituto Benjamin Constant”) em 1854, e do “Instituto dos Surdos-Mudos”, atualmente “Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES”) em 1857, ambos na cidade do Rio de Janeiro, por iniciativa do governo Imperial (JANNUZZI, 1992; BUENO, 1993; MAZZOTTA, 1996).



A fundação desses dois Institutos representou uma grande conquista para o atendimento dos indivíduos deficientes, abrindo espaço para a conscientização e a discussão sobre a sua educação. No entanto, não deixou de:

Se constitui em uma medida precária em termos nacionais, pois em 1872, com uma população de 15.848 cegos e 11.595 surdos, no país eram atendidos apenas 35 cegos e 17 surdos. (MAZZOTTA, 1996, p. 29), nestas instituições.

Ou seja, a criação desses institutos ajudou a amenizar o grande preconceito da época quanto à educação e a profissionalização de deficientes e possibilitou o crescimento da demanda por novas vagas e a necessidade de uma estrutura física maior.

Um marco e início da caminhada para a Educação Inclusiva, foi a Declaração de Salamanca (1994). Na qual diz que a inclusão é um processo educacional através do qual todos os alunos, incluindo, com deficiência, devem ser educados juntos, com o apoio necessário, na idade adequada e em escola de ensino regular. A Declaração de Salamanca (1994, p. 5), afirmar que:

O princípio fundamental da escola inclusiva é o de que todas as crianças devem aprender juntas, sempre que possível, independentemente de quaisquer dificuldades ou diferenças que elas possam ter. Escolas inclusivas devem reconhecer e responder às necessidades diversas de seus alunos, acomodando ambos os estilos e ritmos de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade à todos através de um currículo apropriado, arranjos organizacionais, estratégias de ensino, uso de recurso e parceria com as comunidades. Na verdade, deveria existir uma continuidade de serviços e apoio proporcional ao contínuo de necessidades especiais encontradas dentro da escola.

A inclusão, atualmente, vai além de uma proposta educacional, sendo importante frisar que é uma proposta social, já que é uma luta para a convivência em uma sociedade diversificada, já que as diferenças, sejam elas, físicas, ideológicas, culturais, entre outras, é a base para a transformação de uma sociedade ao todo. Nos fazendo refletir como nos ensina Mantoan (2003, p. 86):

[...] o desafio está posto e temos de reconhecer que a herança recebida da prática científica da modernidade tornou-nos cegos à complexidade, às diferenças, à multiplicidade, dentro e fora das escolas". É inegável também o poder das ideias inclusivas para dar clareza a esse novo olhar viciado e para virar as escolas do avesso!

É importante ressaltar, que todo esse processo exigiu diversas mudanças tanto no contexto escolar, quanto no contexto social, já que foram necessárias diversas adaptações ao longo de todos esses anos, para que as adequações fossem efetivas para o desenvolvimento e a aprendizagem de cada um desses indivíduos, sendo necessário garantir processos no qual possibilitem às pessoas, de acordo com suas condições humanas, o desenvolvimento de suas potencialidades, tendo esses seres, com ou sem deficiência, como um ser capaz de pensar, de agir e de construir conhecimento independente de suas limitações na quais são impostas por sua própria natureza. E por isso, a importância do acolhimento dentro do âmbito escolar, no qual vai fazer com que os estudantes se sintam pertencentes aos lugares que ocupam dentro da sociedade. Rozek (2009, p.16) nos afirma:

Ao longo das últimas décadas, temos a temática da educação inclusiva inscrita em diferentes contextos e circunstâncias e a instituição escolar tem sido convocada a dar algum tipo de resposta. O atual momento histórico exige uma participação efetiva da escola e, para tanto, é preciso redimensionar o modo de pensar e fazer educação, tarefa complexa por natureza.

A seguir, trataremos sobre a importância do acolhimento profissional e aceitação das diferenças em sala de aula.

## **1.2 A importância do acolhimento e a formação docente inclusiva**

Diante de toda essa novidade que nos foi apresentada nas subseções anteriores, é importante compreender que, a proposta da inclusão passa por alguns princípios básicos sendo eles: aceitação das diferenças e a valorização de cada aluno como único; aprendizagem em constante construção, diante da cooperação e diversidade; e a importância do acolhimento profissional munido de conhecimento. Mantoan (2003, p. 19) declara que:

A tolerância, como um sentimento aparentemente generoso, pode marcar uma certa superioridade de quem tolera. O respeito, como conceito, implica um certo essencialismo, uma generalização, que vem da compreensão de que as diferenças são fixas, definitivamente estabelecidas, de tal modo que só nos resta respeitá-las.

Ou seja, o respeito à diversidade em sala de aula deve ser ensinado às próximas gerações a fim de formar alunos respeitosos e não tolerantes.

Ainda para MANTOAN (2003), o corpo docente procura obter uma espécie de homogeneidade, que dialoga com a democracia de massas, invalidando as particularidades e diferenças de cada indivíduo, este paradigma precisa ser desconstruído para que a valorização das diferenças se torne praxe e os talentos de cada aluno se desabrochem.

Consequentemente, quando não cumprimos o devido respeito e compreensão às diferenças de cada aluno, acabamos por resumi-los a um restrito grupo que deve se adequar às certos espaços educacionais e eufemisticamente, os denominamos como portadores de necessidades educacionais especiais (PNEE), isso não é inclusão. Conforme MANTOAN (2003, p. 25):

Em resumo: para os defensores da inclusão escolar é indispensável que os estabelecimentos de ensino eliminem barreiras arquitetônicas e adotem práticas de ensino adequadas às diferenças dos alunos em geral, oferecendo alternativas que contemplem a diversidade, além de recursos de ensino e equipamentos especializados que atendam a todas as necessidades educacionais dos educandos, com ou sem deficiências, mas sem discriminações.

Como dito anteriormente, uma das maiores barreiras para mudar a educação é a ausência de desafios, isso somado ao nosso instinto de tentar neutralizar uma diversidade ao invés de nos adequarmos diante dos mesmos, nos leva a falha na inclusão, pois segundo MANTOAN (2003, p. 30):

Incluir é necessário, primordialmente para melhorar as condições da escola, de modo que nela se possam formar gerações mais preparadas para viver a vida na sua plenitude, livremente, sem preconceitos, sem barreiras. Não podemos contemporizar soluções, mesmo que o preço que tenhamos de pagar seja bem alto, pois nunca será tão alto quanto o resgate de uma vida escolar marginalizada, uma evasão, uma criança estigmatizada sem motivos.

Portanto a diversidade existe, está por aí e precisa de nós. A prática da inclusão vai exigir mudanças na formação e na prática docente. É de extrema

importância que o docente em sua formação, construa conhecimentos teóricos em relação ao ensino e aprendizagem, que possa fazer com que o possibilite exercer melhor a sua prática. As contribuições de Mantoan (2003) são fundamentais para compreendermos as relações entre formação de professores e inclusão. A autora afirma ser essencial que os currículos dos cursos de formação sofram alterações, para que os professores possam aprender a lidar com as diferenças, pois como Mantoan (2003, p. 44):

A formação enfatiza a importância de seu papel, tanto na construção do conhecimento como na formação de atitudes e valores do cidadão. Por isso, a formação vai além dos aspectos instrumentais de ensino.

Dessa forma poderá fazer com que o processo da aprendizagem para seus alunados, seja algo prazeroso. Quando se fala em desenvolver uma ação pedagógica para todos, sabe-se que não é uma atividade fácil e simples, ao contrário, é de extrema importância entender que todas as crianças são sujeitos de aprendizagem, cada qual com o seu ritmo e desenvolvimento, pois possuem as suas diferenças.

Portanto, é necessário que os profissionais, em sua prática, saibam respeitar e lidar com as limitações que caracterizam a diversidade em meio a sociedade.

Sendo assim, Mantoan defende que o sucesso da aprendizagem se dá a partir do momento que se exploram talentos, habilidades e o desenvolver de predisposições naturais. Para a autora, ensinar deve abarcar as diferenças dos alunos, sem fazer distinção, adotando “uma pedagogia ativa, dialógica, interativa, integradora, que se contrapõe a toda e qualquer visão unidirecional, de transferência unitária, individualizada e hierárquica do saber.” (MANTOAN, 2003, p. 38).

Ao olharmos para o cenário de alcançar uma educação de qualidade e igualitária para todos, a inclusão escolar vai enfatizar essa diversidade entre os alunados, sendo assim, se faz cada vez mais importante a preparação dos profissionais e educadores inseridos no contexto educacional. Preparação essa que é de suma importância, para que se possa fazer um ambiente escolar com

igualdade para todos, dando oportunidade ao ensino e aprendizado também para crianças neuro divergentes e preparando-as para inserção na vida social, conforme mencionamos anteriormente

Segundo Medeiros (2009, p. 29), a formação de professores é um processo que envolve tanto conhecimento teórico como conhecimento prático nas palavras da autora:

Em relação à formação de professores e à Educação Inclusiva, podemos dizer também, que esse encontro está em processo, visto que, nos cursos de formação inicial, esse tema ainda é pouco abordado, geralmente, com um ou dois componentes curriculares que tratam sobre o assunto. Cursos específicos sobre a inclusão escolar no Brasil são oferecidos em nível de graduação (em poucas universidades), extensão e pós-graduação.

A partir do momento em que é inserida a educação inclusiva na educação regular, é exigido que o docente faça as adaptações em suas metodologias de ensino, para assim, alcançar por meio dessas atividades às necessidades particulares de cada estudante, e visando também os alunos PAEE (Público Alvo de Educação Inclusiva). Por esse motivo, é imprescindível que todos os educadores estejam habilitados para atuar de forma competente junto a esses alunos em cada etapa do ensino.

Mantoan (2003, p. 08) afirma que: “ É a escola que tem de mudar, e não os alunos, para terem direito a ela! O direito à educação é indisponível”. Nessa linha de raciocínio, a educação deve, necessariamente, abranger todos os alunos inseridos no ensino regular, sem provocar a exclusão de algum do meio educacional. Nesse sentido, a Educação Inclusiva garante o acesso aos direitos e sua permanência no meio educacional sem sofrer qualquer discriminação durante o seu processo de aprendizagem.

Percebe-se que sem que os futuros profissionais tenham conhecimento do amplo espectro que o tema carrega, não conseguiremos realizar com eficácia o utópico conceito da inclusão efetiva. Nesse sentido foram desenvolvidas técnicas para orientar o professor nessa longa jornada inclusiva, como veremos no próximo capítulo.

## 2. DUA - DESENHO UNIVERSAL DE APRENDIZAGEM

Há aproximadamente 30 anos começa a ser desenvolvido no CAST, 2018 (*Center for Applied Special Technology*) idealizado por David Rose, Anne Mayer e seus colegas o famigerado DUA, designado por Desenho Universal de Aprendizagem, tem como intuito promover maior facilidade aos alunos com deficiência a terem acesso ao currículo geral.

Trata-se de uma abordagem curricular que nos traz estratégias que incluam um maior número de alunos possíveis. O DUA busca respeitar a diversidade em sala de aula ao propor uma amplitude de objetivos, métodos, materiais e avaliações que ressaltam o conceito de que, quem deve adaptar-se é o currículo e não o aluno. São opções flexíveis para desenvolver as habilidades do discente a partir do ponto em que ele realmente está e não do que supomos que ele se encontra, desmistificando o conceito de uma média de saberes, como enfatiza Sebastian (2020, p. 735):

Nos ambientes de aprendizagem, como escolas ou universidades, a variabilidade individual é norma, e não exceção, há muita diversidade. Quando os currículos são desenhados para uma média imaginária, não se considera a variabilidade/diversidade real entre os estudantes. Esses currículos fracassam quando tentam proporcionar a todos os alunos oportunidades justas e equitativas para aprender, já que excluem aqueles com distintas capacidades, conhecimentos prévios e motivacionais que não correspondem ao critério ilusório da média.

Para que isso tudo aconteça o DUA possui três importantes princípios para reger todo o planejamento, são eles; modos de apresentação; modos de ação e expressão; modo de engajamento e envolvimento, como descreveremos a seguir:

- O primeiro, da apresentação, baseia-se no fato de que cada estudante assimila uma informação de maneira única, deficiências sensoriais, alunos com déficit de aprendizagem, alunos de outras culturas e línguas, e por isso é imprescindível oportunizar diferentes métodos para apresentar um tema.

- O segundo, da ação e expressão, baseia-se no fato de que cada estudante expressa o seu conhecimento de maneira única, alunos com paralisia cerebral, transtornos de função executiva e barreiras de comunicação, portanto torna-se indispensável propor diferentes métodos para que o aluno se expresse.
- O terceiro, de engajamento e envolvimento, baseia-se no fato de que cada aluno se mantém engajado e interessado por um tema de maneira única, também por fatores neurológicos, culturais e até mesmo por interesse pessoal, diante disso é necessário proporcionar diferentes estratégias de engajamento a um tema.

Portanto, ao proporcionar flexibilidade nas formas em que as informações são apresentadas, em como cada estudante se mantém motivado e de que maneiras ele expressará seu conhecimento, conseguiremos romper barreiras e proporcionar apoio e desafios apropriados segundo Sebastian (2020). Em suma, a estes princípios o DUA busca aperfeiçoar características específicas dos alunos, tornando-os estrategistas, conhecedores e determinados.

De maneira rigorosa, o autor enfatiza em sua obra as maiores deficiências curriculares nos paradigmas atuais da educação, como a seguir em Sebastian (2020, p. 740):

Frequentemente, os currículos não são organizados, projetados ou validados para serem usados com a diversidade de estudantes que povoam nossas salas de aula. Alunos que estão nos extremos – superdotados ou com altas habilidades, com necessidades educacionais especiais ou deficiências, que estão aprendendo a língua da instrução, entre outros – frequentemente, são prejudicados nesses planos de aprendizagem, por serem projetados para uma média fictícia, com currículos que não consideram essa diversidade.

Dito isso, muitos dos currículos atuais de fato apresentam ineficiência em relação à o que ensinar, a quem ensinar e como ensinar, por isso de maneira revolucionária o DUA estabelece quatro componentes "guias" ao professor, são eles: objetivos; métodos; materiais; e avaliação. Os objetivos procuram

estabelecer expectativas de aprendizado e habilidades a serem desenvolvidas, qual o objetivo desse aluno? Os métodos estabelecem quais procedimentos precisam ser utilizados para atingir tais objetivos, quais caminhos esse aluno percorrerá até o seu objetivo? Os materiais se referem às diferentes estratégias utilizadas para ensinar algo, como você vai apresentar este conteúdo ao aluno? E por fim a avaliação, que se baseia em diferentes maneiras de coletar um retorno do aluno, de avaliá-lo, ou seja, como você pode determinar se os objetivos foram ou não alcançados? Resultante disso tudo há um debate ainda caloroso entre nós docentes, a respeito da implantação do DUA e de seus componentes, “Para aqueles que não possuem acesso à tecnologia, como fazer o uso efetivo do DUA?” O autor nos revela em Sebastian (2020, p. 741):

Não obstante, é preciso considerar que essas tecnologias não devem ser vistas como a única maneira de desenvolver o DUA. Professores eficazes devem ser criativos ao projetar ambientes educacionais flexíveis como resposta à diversidade de estudantes usando uma ampla gama de soluções com maior ou menor uso da tecnologia. O objetivo do DUA é criar ambientes nos quais todos tenham a oportunidade de se tornar estudantes avançados, e os meios para alcançá-lo devem ser flexíveis, sejam eles tecnológicos ou não.

Portanto percebe-se que não necessariamente se necessita da tecnologia para uma inclusão efetiva, uma boa parte dos objetivos podem ser alcançados por diferentes métodos e materiais, porém, em exceção, temos que nos atentar aos estudantes que necessitam de alguma tecnologia assistiva pessoal, ou melhor, tecnologias que facilitem o acesso físico e sensorial ao ambiente de aprendizagem, sendo assim o DUA se destaca entre os melhores caminhos para a inclusão escolar efetiva, sendo adotado por diversas instituições, como veremos a seguir no estudo do referencial da rede SESI-SP.

## **2.1 Sesi e suas iniciativas inclusivas**

O referencial curricular do ensino fundamental e médio da rede Sesi SP, nos traz a ideia de inclusão como um “roteiro em construção” pois depende dos principais protagonistas, alunos, profissionais da educação, profissionais da saúde



e rede de apoio. Uma extensa, porém necessária, contextualização histórica é apresentada logo nas primeiras páginas da sessão inclusiva no documento, proporcionando ao leitor um conhecimento amplo acerca das maiores dificuldades que o ensino inclusivo e as pessoas com deficiência têm trilhado até os dias atuais, inclusive de maneira sucinta o documento evidencia as diferenças entre igualdade, equidade, exclusão, segregação, integração e por fim inclusão. A partir dessas concepções o documento vai lapidando, para nós leitores, as principais características da postura do Sesi SP diante da inclusão escolar, como no trecho a seguir (REFERENCIAL SESI 2020, p. 244):

Neste caminhar de processos de transformação e desenvolvimento que a escola inclusiva ganha forma, constituindo a certeza de que o sistema necessita de mudanças, independentemente de quais sejam as condições ou deficiência. As vantagens alcançam todos e permitem reciprocidade e aumento da confiança.

O referencial vem munido das ferramentas utilizadas para efetivar a educação inclusiva, dentre elas recursos para promover a acessibilidade e estratégias que vão além de somente frequentar a escola, ações educativas que promovem a colaboração dos profissionais da educação em prol da inclusão e a terminologia utilizada pela rede e recomendada pela LDB (Lei de diretrizes e bases), como estudantes com deficiência, transtornos ou altas habilidades. Enfatizando sempre que a melhor e mais eficaz ferramenta dentre estas é a parceria entre profissionais da educação, profissionais da saúde e a rede de apoio do aluno, pois assim de forma progressiva a equipe multidisciplinar poderá alcançar as possibilidades e evoluções do ensino inclusivo.

Visto que são necessários diversos recursos para que haja uma inclusão de forma efetiva, o SESI-SP está sempre em busca de meios em que possibilitem essa realização, desde 2007 que eles permeiam por essa proposta de integração com ênfase na socialização e boa aceitação no grupo pela comunidade escolar, abordando a adaptação curricular e a tecnologia assistiva, nas quais são de extrema importância para o enfoque de ensino e aprendizagem para toda a comunidade inclusiva, como nos diz REFERENCIAL SESI (2020, p. 246):

Tecnologia assistiva engloba todos os recursos e serviços que promovem acessibilidade e usabilidade para todas as pessoas. Para as pessoas com deficiência contribuem para proporcionar ou ampliar habilidades funcionais promovendo autonomia, facilidades para incluir e acessibilidade.

A partir de tais concepções, o SESI-SP utiliza a concepção inclusiva do DUA, na qual se diz respeito às adaptações curriculares dentro da sala de aula, já que é sabido a forma em que as diversidades se fazem presentes nesse contexto, sejam em características, personalidades, capacidade e interesse daqueles grupos.

Diante deste panorama, entende-se que é necessário o olhar para as particularidades de cada estudante, mesmo que no coletivo e assim, elaborar propostas pedagógicas na qual atenda a todas essas singularidades sem que haja um tratamento individualizado para cada aluno específico, conforme a afirmação do REFERENCIAL SESI (2020, p. 253):

Ao agregar o conhecimento das neurociências, veio fornecer um referencial de orientação para se criar currículos ajustáveis às necessidades do estudante, ambientes instrucionais e uso de tecnologia para maximizar o sucesso a todos alunos, incluindo aqueles com deficiências, transtornos e altas habilidades/superdotação.

Considera-se a ruptura de barreiras dentro do âmbito escolar, uma das dimensões de acessibilidade em que o SESI-SP acredita ser um começo para uma educação inclusiva efetiva, sejam elas barreiras concretas ou atitudinais e ao promover essa ruptura, é perceptível o avanço dentro da educação. Sendo assim, é necessário a busca por meios para atender a todos os estudantes, inclusive aqueles que apresentam dificuldades de aprendizagem, seja qual for a condição apresentada e em prol disso.

Em consonância ao DUA, no próximo capítulo as definições de um plano de trabalho docente específico, ferramenta a qual é utilizada por professores da rede a fim de atender as especificidades de determinados alunos.

## **2.2 O plano de trabalho docente específico**

Além dos conceitos sobre o DUA, como sendo uma abordagem que procura minimizar as barreiras metodológicas de aprendizagem, tornando o currículo acessível para todos os alunos, possibilitando a utilização de diversos meios de representação do conteúdo, de execução e de engajamento na tarefa como explicitado na seção anterior, o SESI SP desenvolve então o PTDE, o qual é utilizado na inclusão de alunos PAEE, com o intuito de modificar as expectativas de aprendizagem para contemplar as necessidades de cada aluno.

É fato que no âmbito escolar existem dificuldades reais que interferem no processo de ensino e aprendizagem, tanto dos alunos regulares quanto PAEE, e por isso não deve haver a homogeneização de ensino ou estigmatização de estudantes, já que nem todos aprendem com a mesma metodologia e forma de avaliação. Faz-se necessário considerar a singularidade do estudante em relação a sua própria condição, tendo ele ou não uma deficiência ou transtorno. Sendo assim, deve-se levar em conta as particularidades de cada alunado e respeitar o seu ritmo de aprendizagem, já que alguns podem ter mais dificuldade ou mais facilidade para aprender o mesmo conteúdo, e assim, poder buscar por diferentes estratégias de ensino em que fundamentam o planejamento e prevejam meios para catalisar as habilidades e possibilidades do estudante a fim de que ele aprenda. (REFERENCIAL SESI, 2020)

O plano de trabalho docente (PTD) é um recurso utilizado pelos educadores, com a finalidade de registrar e planejar suas aulas e organizar de forma efetiva suas ideologias de acordo com o que preza a instituição e para serem aplicadas em sala de aula, sendo necessário para estabelecer uma linearidade de raciocínio do trabalho proposto e legalmente instituído. Este plano, não se foca exatamente nas individualidades presentes na sala de aula, já que o enfoque principal é o um planejamento mais conteudista, não levando em consideração as particularidades ali presentes, neste sentido, o SESI-SP passou a

adotar o PTDE para estudantes com deficiência ou transtorno, no qual é realizado de uma forma específica pelos docentes.

O PTDE, assim como o PTD, é um documento disponibilizado para os educadores, no qual será elaborado de acordo com as dificuldades identificadas em seus estudantes, para assim poder nortear suas práticas pedagógicas e identifica possíveis mudanças necessárias de acordo com o currículo escolar, já que essa adaptação é necessária para que a inclusão comece a ser integrada dentro da sala de aula, podendo assim adaptar alguns conteúdos de forma que atenda as particularidades daqueles alunos específicos e possibilitem o acesso ao ensino e aprendizagem de forma efetiva para cada um deles, segundo a seguinte afirmação retirada do REFERENCIAL SESI (2020, p. 252)

É válido enfatizar que na diversidade o atendimento deve ser pautado no diferente, princípio básico da equidade para conquista da igualdade. Assim, para aqueles com especificidades haverá a necessidade delinear um planejamento específico. Não se trata de propostas individuais, descontextualizadas e tecnicistas, e sim de uma perspectiva baseada nas necessidades da pessoa, estabelecendo uma organização do trabalho e das metas.

O PTDE proposto pela rede SESI SP é composto, na sua primeira parte, de um roteiro de entrevista com a família, a coordenação pedagógica e avaliação diagnóstica do professor, a partir dos dados coletados no processo de avaliação, inicia-se a preparação do plano, que tem como objetivo atender às necessidades de cada aluno, de forma a superar ou compensar as barreiras de aprendizagem diagnosticadas, tanto no âmbito escolar e familiar como também do próprio aluno.

Entende-se que, somente através de uma investigação detalhada, com coletânea de dados específicos, referente às dificuldades presentes no desenvolvimento daqueles alunos, é que vai permitir o planejamento individualizado para que possam ser alcançadas as expectativas de ensino aprendizagem e assim, tornar a escola um ambiente inclusivo e acolhedor para todos.

Para uma educação inclusiva efetiva acontecer, é necessário que a escola esteja apta a adaptações e que reconheça a diversidade presente em seu cotidiano, desfazendo as barreiras presentes na sociedade de forma heterogênea.

Conforme aponta Galve e Sebastian (2002), no caso dos alunos com Necessidades Educacionais Especiais (NEE) o professor precisa identificar e conhecer as suas competências e os recursos/estratégias de ensino que proporcionam a sua aprendizagem, de forma a superar ou compensar os comprometimentos e/ ou dificuldades existentes, para que assim, os estudantes possam se sentir pertencentes ao ambiente em que estão incluídos.

Salientamos que, antes de realizar o PTDE, é necessário conhecer o estudante, entender qual etapa de desenvolvimento aquele aluno se encontra, quais os seus interesses, se ele compreende a linguagem escrita, linguagem oral e/ou gestos e como o mesmo se comunica. Após reconhecer essas habilidades, deve-se preencher uma avaliação diagnóstica, na qual tem o objetivo analisar e identificar as possíveis dificuldades presentes no cotidiano daquele aluno, para assim estabelecer as adaptações necessárias para o seu desenvolvimento.

Reconhecendo esses fatores, parte-se para a segunda parte do PTDE, que é a construção do plano na prática, exigindo o preenchimento de diversos formulários, especificando as alterações, inclusões ou exclusões das expectativas; as ações didáticas diferenciadas, que incluem mudanças de estratégias, de metodologias e de recursos; a forma de avaliação (por nota ou relatório descritivo) e sua periodicidade. Este plano específico deve ser elaborado pelo professor, por componente curricular ou de forma integrada, levando-se em conta as habilidades e necessidades do estudante, e, também, sua idade cronológica.

Sendo assim, o professor deverá registrar o PTDE logo abaixo do PTD, no diário eletrônico. A partir desse registro, o coordenador pedagógico irá compilar as informações do diário eletrônico para o formulário com a mesma periodicidade definida para o PTDE. Por se tratar de um plano de trabalho com flexibilizações curriculares específicas, este formulário deverá ser validado pelo Supervisor Escolar. É muito importante que a família conheça o plano específico direcionado para a estudante e que a escola providencie registro em ata da reunião.

A seguir, trataremos sobre os procedimentos metodológicos, como o contexto da pesquisa, a coleta do *corpus*, a descrição dos procedimentos adotados e as análises das práticas inclusivas investigadas.<sup>1</sup>

### **3. METODOLOGIA**

#### **3.1 Contexto da pesquisa e a coleta de *corpus***

A presente pesquisa tem como foco principal verificar e investigar as condições efetivas da inclusão escolar nos ambientes educacionais da rede SESI-SP, bem como a postura dos docentes envolvidos nas iniciativas inclusivas, a partir dos conceitos apresentados por Mantoan (2003) alinhados à uma perspectiva realista sobre o referencial curricular desenvolvido e utilizado pela rede, bem como suas estratégias, o DUA e o PTDE para assim, apurar/averiguar como os princípios da inclusão são colocados em prática na sala de aula.

De acordo com Müller (2013), a pesquisa qualitativa tem caráter exploratório, construtivo e descritivo e, a partir dela, o pesquisador fundamenta a teoria e produz novas hipóteses, por meio dos dados, que podem ser coletados a partir de observações, entrevistas, aplicação de questionários etc.

Contudo para a realização desta pesquisa optamos pelo estudo de caso como metodologia, pois como Robert K Yin (2001) define, o estudo de caso é como uma investigação empírica de um fenômeno contemporâneo em seu contexto da vida real, onde o pesquisador possui pouco ou nenhum controle para alterar ações relevantes, além de manter o domínio das informações coletadas a partir de diversas evidências, documentos e registros.

Portanto, a pesquisa caracteriza-se como um estudo de caso, de caráter qualitativo e descritivo, dividida em duas etapas:

---

<sup>1</sup> As avaliações diagnósticas utilizadas em nossa análise serão anexadas ao final do trabalho.

- A coleta de dados realizada por ambas as pesquisadoras, com alunos neuro divergentes matriculados em duas unidades da rede, entre junho e dezembro de 2022.
- Pesquisas realizadas com professores e estagiários da Faculdade Sesi de Educação em agosto de 2023.

### **3.2 Descrição dos procedimentos adotados para análises**

Com a finalidade de respondermos à pergunta norteadora deste estudo, que tem como foco analisar as práticas inclusivas, segundo os conceitos inclusivos, as diretrizes do DUA e o conceitos o PTDE, torna-se necessário analisarmos as observações e entrevistas realizadas pelas pesquisadoras, por etapas, pois assim será possível revelar semelhanças entre as perspectivas e problemáticas levantadas.

Sendo assim, o aluno Azul (nome fictício criado para manter o anonimato) diagnosticado com TEA (Transtorno do Espectro Autista) e TAB (Transtorno Afetivo Bipolar), foi acompanhado pela pesquisadora Ana Fernandes durante o período de junho a dezembro de 2022, na turma do fundamental 1, 5ª série B, em uma unidade da rede Sesi na zona leste de São Paulo, a pesquisadora atuava na função denominada EFEI (Estagiário Facilitador da Educação Inclusiva).

No início dos registros foi salientado que o aluno obteve seus diagnósticos tardiamente e não há certeza do motivo para que isso tenha ocorrido, porém uma vez que diagnosticado toda equipe envolvida com um aluno deverá focar seus esforços em prol dele. Por outro lado, como foi observado no primeiro tópico do estudo de caso, o aluno Azul relatou não ter ido às suas últimas consultas semanais com sua psicopedagoga e ainda ressalta que tem vergonha de expor seus sentimentos sobre suas dificuldades do dia a dia aos seus professores e a coordenação, como no excerto abaixo, das observações realizadas no dia 31/10/22:

*“Aluno Azul me conta que sente saudades da sua psicóloga, ele não vai à consulta a duas semanas, não quis dizer o motivo, se recusa a jogar um jogo para melhorar o seu empenho em matemática não gosta de atividades dinâmicas, não quis conversar com a coordenação sobre esse ou outros conflitos anteriores, porém levou o jogo pra casa e trará anotações sobre as partidas”.*

Mediante ao exposto e conforme já mencionado no capítulo: 1.2; Mantoan (2003, p. 19) reforça que: “a tolerância, como um sentimento aparentemente generoso, pode marcar uma certa superioridade de quem tolera” ou seja, esse aluno não deve se sentir tolerado por seus professores e coordenadores apenas por suas recorrentes dificuldades, é preciso acolhê-lo para que o aluno sintá-se à vontade em expor seus sentimentos e assim superá-los.

Outro ponto observado neste estudo de caso do aluno Azul, é que alguns dos professores da equipe multidisciplinar envolvida demonstra não possuir conhecimento prévio sobre as práticas e princípios inclusivos, isso porque alguns dos professores chamados “especialistas” possuem suas licenciaturas focadas na área de conhecimento em questão mas sem respaldo inclusivo, o que os leva à sala de aula sem domínio do assunto, fundamenta-se a necessidade deste conhecimento a partir da afirmação já mencionada no capítulo: 1.2; temos a afirmação de Medeiros (2009, p. 29):

Em relação à formação de professores e à Educação Inclusiva, podemos dizer também, que esse encontro está em processo, visto que, nos cursos de formação inicial, esse tema ainda é pouco abordado, geralmente, com um ou dois componentes curriculares que tratam sobre o assunto. Cursos específicos sobre a inclusão escolar no Brasil são oferecidos em nível de graduação (em poucas universidades), extensão e pós-graduação.

Comprova-se essa problemática a partir de dois excertos relevantes, desta vez retirados das entrevistas, relatadas a seguir:

*“Pergunta 4: Como você define seu conhecimento acerca dos princípios da inclusão e suas práticas?”*



*Pergunta 5: Descreva as estratégias e ferramentas utilizadas por você, seus professores e coordenadores para que obtivesse tal conhecimento acerca dos princípios da inclusão e suas práticas.”*

As perguntas acima foram desenvolvidas a fim de registrarmos as diferentes perspectivas, vejamos o próximo excerto as respectivas respostas de uma docente entrevistada:

*“P4: Conhecimento moderado*

*P5: Troca de experiências assertivas entre o grupo de professores, parceria efetiva com o estagiário, buscar profissionais multidisciplinares para esclarecimentos de dúvidas e leituras e vídeos informativos.”*

Observa-se que a docente em questão considera seu nível de conhecimento sobre as práticas inclusivas como “moderado” e ainda afirma obter esse conhecimento a partir de sua formação continuada, pesquisas independentes e trocas de experiência, mas não afirma ter obtido em sua graduação.

Contudo como demonstrado no próximo exemplo do dia 26/10/22:

*“um dia tranquilo até a aula de inglês, houve uma atividade envolvendo música, vídeos e a turma de maneira chula bateu palmas e gritou, isso irritou o aluno Azul, ele chorou e foi ficar sozinho fora da sala, ele preferiu não participar da próxima aula que era na quadra ficamos eu e ele na sala e decoramos tudo com enfeites de Halloween, ele ficou feliz e mal podia esperar para os colegas verem”.*

Nota-se que os professores utilizavam de recursos incrivelmente variados, o que é positivo em prol de um futuro inclusivo, mas estes acabam por “excluir” o aluno Azul da dinâmica em sala de aula, por serem recursos que não o agradavam de acordo com a sua subjetividade, trabalhos em grupo, filmes, músicas altas, entre outros, comprova-se a necessidade de haver diferentes estratégias inclusivas sob a luz de Sebastian (2020, p. 738):

No referencial geral do DUA, os objetivos estão definidos de modo que se reconheça a diversidade de estudantes e os objetivos fiquem diferenciados pela maneira e pelos meios para alcançá-los. Essas características permitem aos professores de um currículo DUA oferecer mais opções e alternativas – diferentes caminhos, ferramentas, estratégias e bases – para alcançar o domínio.

A fim de proporcionar uma nova perspectiva da proposta inclusiva da rede foi então articulado o segundo estudo de caso, dessa vez realizado pela pesquisadora Stefany Araújo, também na função de EFEI, durante o período de junho a dezembro de 2022, com o estudante denominado aqui como aluno “Amarelo” (nome fictício criado para manter o anonimato), diagnosticado com TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade), também matriculado no fundamental 1, 2ª série C, em uma unidade da rede, desta vez na zona oeste de São Paulo.

O aluno Amarelo, teve seu diagnóstico fechado durante a pandemia, já que foi percebido pelos próprios pais que havia uma grande dificuldade do mesmo em se concentrar e estabelecer um foco naquilo em que estava sendo feito, durante os encontros on-line junto da professora e seus colegas.

Desde então, foi feito um acompanhamento médico, no qual conclui-se em um laudo de TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade), em seguida início um tratamento específico em que o ajudaria a ter uma maior concentração durante as tarefas, sem que atrapalhasse seu desenvolvimento escolar.

Logo após o término da pandemia, os alunos voltaram para os encontros presenciais na escola, assim, foi apresentado o laudo de TDAH do aluno amarelo, para a coordenação e para os professores da instituição, já que deveriam haver adaptações e flexibilizações dentre as atividades aplicadas, para contribuir no ensino e aprendizagem do mesmo.

Durante a observação do estudo de caso em questão, foram percebidas algumas metodologias inclusivas dentro na sala de aula do aluno Amarelo, metodologias essas nas quais buscavam atender às habilidades dos estudantes levando em conta suas particularidades, por conta do TDAH, era difícil do nosso

aluno conseguir alcançar os outros alunos, já que não havia concentração para realizar as atividades, e por isso, seria necessária uma metodologia mais individualizada dentro das possibilidades da escola, já que a própria instituição utiliza desses recursos de adaptações quando necessário, conforme a afirmação do Referencial Sesi (2020, p. 253):

Ao agregar o conhecimento das neurociências, veio fornecer um referencial de orientação para se criar currículos ajustáveis às necessidades do estudante, ambientes instrucionais e uso de tecnologia para maximizar o sucesso a todos alunos, incluindo aqueles com deficiências, transtornos e altas habilidades/superdotação.

Percebe-se também, logo no início dos registros, a constante rotatividade de profissionais e docentes na unidade em questão, como visto no excerto do dia 05/08/2022 a seguir:

*“Hoje eles estão com a 6ª professora, o que acabou gerando para eles uma insegurança por acharem que a turma era culpada por nenhuma das profissionais continuar com os mesmos, o que de certa forma acaba prejudicando o desenvolvimento deles como estudantes, pois não tem uma referência de profissional, e por sempre trocar as metodologias de uma professora para outra.”*

A partir do exposto acima, percebe-se o quanto isso tem afetado a formação de vínculo professor e aluno, o que impossibilita o andamento e a efetivação do processo inclusivo do aluno em questão. Assim como evidenciado por MANTOAN (2003, p. 41):

Certamente, um professor que engendra e participa da caminhada do saber “com” seus alunos consegue entender melhor as dificuldades e as possibilidades de cada um e provocar a construção do conhecimento com maior adequação.

Além disso, foi observado pela pesquisadora que grande parte dos momentos em que o aluno Amarelo estava em sala de aula, o mesmo era avaliado a partir das mesmas estratégias utilizadas com o restante da turma, mesmo não demonstrando evoluções, melhorias e superações, como nos mostra o excerto do dia 15/09/2022:

*“Com esses diversos “imprevistos” de troca de profissionais, era difícil a prática de inserir o PTDE para o aluno amarelo, pois muitas vezes os novos professores não conseguiam o tempo suficiente de analisar e desenvolver novas expectativas para o mesmo, e assim, acabavam utilizando de uma mesma metodologia para todos, porém, com uma flexibilização de tempo para que o aluno amarelo conseguisse realizar as atividades.”*

Sabemos que é imprescindível que o docente articule diferentes caminhos para alcançar os objetivos do aluno alvo da inclusão, porém cabe a nós refletirmos por que na prática, essas adaptações não são realizadas como a teoria nos ensina, assim como podemos ver no seguinte excerto das entrevistas:

*“Pergunta 3: De maneira breve, nos descreve um episódio no qual você tenha observado em sala de aula, uma perspectiva POSITIVA e uma NEGATIVA no processo inclusivo de algum aluno deficiente e/ou neuro divergente”*

*“Resposta pessoa 3: Um ponto positivo com a criança neuro divergente que eu atuava, é que a professora procurava sempre meu auxílio para um melhor desempenho do aluno, visto que, ela entendeu a necessidade que ele tinha de ter alguém para ajudá-lo, e assim, ele conseguia acompanhar o restante da turma. Em contrapartida, um ponto negativo nesse processo de inclusão, é que nem sempre havia um estagiário disponível para tal serviço e, muitas vezes, ele acabava por acumular atividades, fazendo com que ele perdesse algumas aulas, como de educação física, para poder fazer as atividades e correr atrás do prejuízo.”*

É importante salientar a importância dos recursos e do apoio que o docente precisa ter para que haja uma efetividade durante o processo de inclusão desses estudantes, já que deve estar explícito pelas instituições, quais suas alternativas dentro da educação inclusiva para que possam contemplar o desenvolvimento daqueles estudantes e que proporcione para cada um deles um espaço no qual eles possam se sentir pertencentes, assim como nos afirma Mantoan (2003, p. 25):

Em resumo: para os defensores da inclusão escolar é indispensável que os estabelecimentos de ensino eliminem barreiras arquitetônicas e adotem práticas de ensino adequadas às diferenças dos alunos em geral, oferecendo alternativas que contemplem a diversidade, além de recursos de ensino e equipamentos especializados que atendam a todas as necessidades educacionais dos educandos, com ou sem deficiências, mas sem discriminações.

Considerando as problemáticas expostas até o presente momento, observou-se dentre elas, quatro principais questões: falta de acolhimento profissional, desfalque na formação docente inclusiva, constante rotatividade de profissionais e pouco uso das estratégias e ferramentas inclusivas. No próximo capítulo apresentaremos as considerações finais e prováveis hipóteses desenvolvidas a partir dos resultados obtidos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este estudo teve como objetivo geral verificar e investigar as condições inclusivas dentro da sala de aula em escolas da rede SESI-SP, buscando entender a perspectiva do DUA e PTDE na rotina escolar de alguns alunos neuro divergentes, perspectivas essas que nos fizeram refletir sobre diversos aspectos acerca da inclusão, tanto de forma positiva, quanto negativa.

Entende-se que a inclusão não se trata em separar grupos e trabalhar com o estudante separadamente, mas sim, a partir da avaliação diagnóstica, fazer intervenções pertinentes e de acordo com as necessidades do educando. Para que assim, os estudantes possam ter a capacidade de realizar tais atividades, na qual possa incluí-los de fato e não apenas integrá-los à sociedade. Mesmo que em alguns contextos essa realidade ainda seja vista de forma negativa, devemos procurar a melhoria na qualidade do processo de ensino/aprendizagem dos mesmos, na qual vão depender da interação entre educando e educador, ou seja, em como o professor enxerga o educando, e o quanto o incentiva, trabalhando com sua autoestima, para que ele se sinta motivado a querer aprender e vencer suas limitações e dificuldades.

É notório o esforço da maioria dos docentes quando se trata de incluir esses alunos, já que eles entendem a sala de aula como um espaço heterogêneo e que precisam lidar o tempo todo com as particularidades de cada indivíduo, para que assim possam atender a todos, é utilizado então o DUA, no qual irá propor uma amplitude de métodos, materiais e avaliações, fazendo com o que os alunos alcancem as expectativas propostas independente do seu nível de conhecimento.

Visto que, por conta de algumas maiores dificuldades entre alguns alunos, que não conseguiram atingir o esperado por meio do DUA, é utilizado então o PTDE, no qual se mostra uma abordagem mais individualizada para os estudantes, em que seu principal objetivo é entender o repertório e as razões pela qual o estudante não consegue alcançar as expectativas esperadas, e assim, propor metodologias que possam contribuir para o desenvolvimento no ensino e aprendizagem dos mesmos.

Diante ao exposto, foi possível observar alguns obstáculos, tanto para os docentes, quanto para os discentes, já que inseridos em uma sala de aula com mais de 30 alunos, é difícil que o professor consiga identificar as necessidades individuais de cada estudante e desenvolver um PTDE para cada um, por isso é importante o auxílio do EFEI, no qual também deve estar munido das perspectivas inclusivas em sala de aula. Para o discente não é diferente, dependendo de qual seja sua deficiência, é difícil manter o foco em algumas atividades e conseguir alcançar as expectativas propostas, sem que haja uma orientação e um acompanhamento assíduo em sua rotina escolar.

Assim, por meio das análises, foi perceptível o desenvolvimento no ensino e aprendizagem de alguns estudantes acerca das ferramentas inclusivas utilizadas da maneira correta, com o apoio e a contribuição de todo o meio educacional para com esses estudantes, no quais auxiliaram de forma efetiva no progresso dos mesmos e buscaram se aprimorar dos métodos inclusivos.

Nessa ótica, observou-se que os docentes entrevistados, relatam algumas críticas e frustrações quanto a falta de apoio nesse contexto, por não haver um alinhamento constante entre família, equipe multidisciplinar e profissionais

docentes, torna-se necessário proporcionar mais reuniões e formações, para abordar e discutir o assunto, onde surgirão trocas de experiências que conseqüentemente, proporcionam novas adaptações curriculares e processos de aprendizagens eficazes, que contribuam com a evolução desses estudantes.

Comprovou-se também, que a formação docente tem apresentado deficiências significativas quando o assunto é inclusão, expondo que grande parte dos docentes, não tiveram o preparo adequado em sua formação para lidar com a neurodiversidade em sala de aula, conforme evidenciado por Mantoan (2003). Além disso, a trajetória do docente dentro da universidade e sua sede por conhecimento, definem a importante “formação inicial” que o bom professor possui, pois é essa formação que abre caminho para as demais. (NÓVOA, 2017)

Os resultados e discussões desta pesquisa comprovaram as semelhanças entre as perspectivas e problemáticas em torno da comparação entre teoria e prática inclusiva. Percebe-se a iniciativa da rede em implementar as diretrizes do DUA e do PTDE, mas que ainda segue em fase de implementação e adaptação.

O DUA busca oferecer uma gama de possibilidades ao docente, para que haja uma expansão do currículo comum, proporcionando maior equidade e inclusão à sala de aula, enquanto o PTDE propõe ao docente um olhar mais individual sobre cada aluno, proporcionando respeito e cuidado à diversidade em todo ambiente escolar.

Foi imprescindível explorar as diferentes estratégias de nossos teóricos, pois além de concordarmos com essas, tornaram-se fundamentais para tecer uma linha de comparação entre a teoria e a prática. Espera-se que diante das iniciativas tomadas nesta pesquisa, possamos aprimorar nossos conhecimentos já existentes em relação à educação inclusiva e colocá-los em prática conforme as teorias analisadas.

De que modo os princípios da inclusão são colocados em prática na sala de aula e no dia a dia da rotina escolar dos alunos? Comprovamos que de maneira constante e lenta, a inclusão vem tomando conta da nossa rotina e tornando-se um novo paradigma, é preciso que cada vez mais pessoas adotem às práticas

inclusivas, dentro e fora da sala de aula, para que o PAEE sintam-se acolhidos, respeitados e incluídos.

Conclui-se reafirmando a importância desta pesquisa para discentes e docentes, e torna-se indispensável seu constante estudo no meio acadêmico para que gere mais interesse e hipóteses acerca desse assunto ainda tão enigmático a muitos profissionais.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais. Brasília: UNESCO, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Diretoria de Estatísticas Educacionais. Censo escolar da educação básica 2019: resumo técnico. Brasília, DF, 2020. 94p.

BUENO, J. G. S. Educação especial brasileira: integração/segregação do aluno diferente. São Paulo: EDUC, 1993.

Decreto nº 7.611, DE 17 DE NOVEMBRO DE 2011. Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências.

DELGADO GARCÍA, J. C.; INSTITUTO DE TECNOLOGIA SOCIAL – ITS BRASIL. **Livro Branco da Tecnologia Assistiva no Brasil**. Organizadores: São Paulo: ITS BRASIL, 2017. 220 p. Disponível em: <http://itsbrasil.org.br/wp-content/uploads/2018/12/Livro-Branco-Tecnologia-Assistiva.pdf> . Acesso em 30 ago. 2021.

JANNUZZI, G. A luta pela educação do deficiente mental no Brasil. Campinas/SP: Editores Associados, 1992.

KIRK, S. A. & GALLAGHER, J. J. Education exceptional children. Boston: Houghton Mifflin Company, 1987.

Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Institui a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB). Brasília: Congresso Nacional, 1996.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão Escolar: O que é? Por quê? Como fazer ? 2ª ed. São Paulo: Moderna, 2003. (cotidiano escolar: ação docente).

MANTOAN, M. T. E. Inclusão escolar- O que é? Por quê? Como fazer? reimpressão. São Paulo: Summus, 2015.

MAZZOTTA, M. J. S. Educação especial no Brasil: história e políticas públicas. São Paulo: Cortez, 1996.

MEDEIROS, C. Saberes Docentes e Autonomia dos Professores. 2 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

MENDES, E. G. Deficiência mental: a construção científica de um conceito e a realidade educacional. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. São Paulo, 1995.

MÜLLER, M. G. Metodologias interativas de ensino na formação de professores de física: um estudo de caso com o peer instruction. 2013. 226 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Física) – Instituto de Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

NÓVOA, A. Precisamos colocar o foco na formação profissional dos professores. Vídeo no YouTube, canal: Instituto Claro. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KqopJQO3K0E>

REFERENCIAL CURRICULAR do Sistema SESI-SP de Ensino: Ensino fundamental. 2ª Edição, São Paulo, 2020. (Referencial Curricular EF.pdf)

ROZEK. M. A Educação especial e a educação inclusiva: compreensões necessárias. Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v. 17, n. 1. p. 164-183, 2009.[versão online: p. 1-19]. Disponível em: <http://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/918/665>. Acesso em: 20 out. 2012.

SASSAKI, R. K. Inclusão: construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SEBASTIAN. E. H. Diretrizes para o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA). Rev. Bras. Ed. Esp., Bauru, v.26, n.4, p.733-768, Out.-Dez., 2020.

YIN, R. K. Estudo de Caso: Planejamento e Métodos. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001. pp. 200.

## **APÊNDICE A**

**Estudo de caso / instrumento metodológico**

**Orientação de residência**

**Prof Ane Patricia**

**Ana Beatriz Couto Fernandes**

**Linguagens 3º ano**

**2022**

**Tema**

Transtornos neurológicos na rotina escolar

**Instrumento (s) da pesquisa**

Observações feitas durante o estágio na rede Sesi, em Sala de aula e outros ambientes, sobre o meu aluno alvo Azul, diagnosticado com TEA e TAB, quinta série B.

**Contexto**

Para contextualizar o histórico de comportamento do Aluno Azul precisamos saber que seus diagnósticos/laudos chegaram tarde, os professores o acompanham desde a segunda série e somente no início do quinto ano ele realmente recebeu

acompanhamento profissional necessário, pelos relatos dos professores anteriores ele era um aluno esperto com dificuldades pontuais mas no geral com muita facilidade em aprender, os primeiros indícios de que havia algo diferente em seu comportamento foi quando ele se tornou mais introvertido e violento, mantendo poucos amigos e falando cada vez menos em sala de aula. Aluno Azul consegue ser muito focado em suas tarefas e raramente admite precisar de ajuda, não gosta de ser tratado diferente da maioria e qualquer alteração em seu instrumento de avaliação faz com que ele tenha um acesso de raiva e não conclua a atividade.

Comecei a ser estagiária facilitadora dele em junho desse ano e ouvi muitos comentários negativos e desmotivadores em relação a essa mudança, por conta da suas crises violentas pelo uso de palavras maldosas contra os profissionais, nenhum estagiário se adaptava a ele (vice versa)por dois motivos: ele se mostrava bem desacolhedor e contra qualquer novidade e pra piora, a escola insiste em manter uma rotatividade entre os estagiários que acaba dificultando a criação de vínculo professor e aluno. Além do fato de que a falta de estagiários faz com que os EFEIS destinados a um aluno alvo acabe atuando como EIT, responsável por uma sala toda e deixando o aluno de lado. Hoje em dia o Aluno Azul faz acompanhamento profissional, psicólogo, psiquiatra e faz uso de medicações mas suas crises ainda são pontuais e ele continua uma criança bastante introvertida e nega qualquer ajuda ou tratamento especial.

### **Problemas Observados**

- A bipolaridade e introspecção do aluno e como isso afeta o seu desempenho em sala de aula; O aluno relata muitas vezes não ter ido às consultas com sua psicóloga, relata ter vergonha de contar seus problemas à coordenação e até aos professores.

**Relatos:** 27/08/22 “Aluno Azul calmo e atento as orientações da professora acompanha com dedo as palavras do texto para compreender o tema; Na aula de matemática tem dificuldades para lembrar o nome dos prismas e pirâmides e tem uma crise ao perceber que deveriam ser realizadas formas diferentes com palitos de balas de bom mas recusou-se a fazer pois “eu não vou fazer essa atividade idiota””

04/10/22 “Passeio ao ZooParky, humor estável no ônibus e durante a manhã toda de trilha mostrou interesse as informações e novidades, sem problemas com barulho e multidões, na hora do almoço estava tudo OK até que ele precisou dividir uma mesa com pessoas de outra escola, conforme as orientações dos profissionais do ZooParky, o Aluno Azul tinha pedido para ficar sozinho e isso não aconteceu, houve choro, birra e vontade de ir embora, após 30 minutos de desabafo e conversa consegui convencê-lo a voltar para trilha, ele não quis conversar com as professoras sobre o ocorrido e disse “elas não vão fazer nada pra resolver isso” o restante do passeio foi calmo.”

13/10/22 “apresentações de ciências da natureza com tema biomas, Aluno Azul preferiu não se apresentar pois segundo ele “se eu sei tudo sobre o cerrado não preciso dividir conhecimento com ninguém” preferiu entregar um relatório”

31/10/22 “ Aluno Azul me conta que sente saudades da sua psicóloga, ele não vai à consulta a duas semanas, não quis dizer o motivo, se recusa a jogar um jogo para melhorar o seu empenho em matemática não gosta de atividades dinâmicas, não quis conversar com a coordenação sobre esse ou outros conflitos anteriores, porém levou o jogo pra casa e trará anotações sobre as partidas”

- Muitos profissionais e alunos que interagem com Aluno Azul não respeitam suas particularidades e acabam prejudicando o seu humor e raciocínio do dia todo

**Relatos:** 30/08/22 “ na aula de PSC colocaram uma música alta durante uma reprodução da atividade, isso desestabilizou o aluno Azul e ele saiu da sala, professora parece não se importar”

07/10/22 “Aluno Azul estava estável e sem desentendimentos com a sala, porém houve um problema de desrespeito na Aula de robótica, o professor xingou a sala toda em um acesso de raiva e excluiu o aluno Azul da atividade só pelo fato dele não querer trabalhar em grupo, não forneceu tablet ou Lego, ele ficou olhando pra parede a aula toda”

26/10/22 “ um dia tranquilo até a aula de inglês, houve uma atividade envolvendo música, videos e a turma de maneira chula bateu palmas e gritou, isso irritou o aluno Azul, ele chorou e foi ficar sozinho fora da sala, ele preferiu não participar da próxima aula que era na quadra ficamos eu e ele na sala e decoramos tudo com enfeites de Halloween, ele ficou feliz e mal podia esperar para os colegas verem”

28/10/22 “ Aluno Azul ficou bastante animado com a festa de Halloween, até veio fantasiado de fantasma com a sua irmã gêmea, ele curtiu os contos de terror contados na sala de aula mas durante a festa no pátio ficou com dores de cabeça se isolou e ficou violento, agredindo qualquer um que se aproximasse, eu procurei os fone de ouvido dele e tentei convencê-lo a ir até a inspetoria para ligarmos para algum responsável, depois de muita insistência fomos até a inspetoria e ele conseguiu falar com o pai dele que logo o acalmou, voltamos para sala de aula e ele só conseguiu ficar tranquilo depois que a música ficou mais baixa”

09/10/22 “ Aluno Azul foi para o café da manhã com dores de cabeça e preferiu ir de fone de ouvido anti ruído, alguns garotos da sala ao lado que estavam no

refeitório ficaram caçoando dos seus fones de ouvido e ele insistiu para que eu fosse na sala deles depois do intervalo para que houvesse um pedido de desculpas dos mesmos, houve resolução”

## **APÊNDICE B**

### **Estudo de caso / instrumento metodológico**

**Stefany Araujo da Silva**

**Ane Patricia**

**Orientação de residência**

**Linguagens 3º ano**

**2022**

**Estudo de caso**

**Tema**

Transtornos neurológicos na rotina escolar

### **Instrumento (s) da pesquisa**

Observação de aluno com TDAH no 2º ano - fundamental 1 em sala de aula.

### **Contexto**

Ao acompanhar o seguinte aluno, cujo será denominado como aluno “Amarelo” (nome fictício criado para manter o anonimato) desde o começo de 2021 durante a residência, foi constatado o laudo de TDAH do mesmo. A partir disso, passei a acompanhá-lo durante as aulas no período em que estava na escola, era perceptível a hiperatividade por não conseguir se concentrar durante as aulas, a distração por qualquer situação em que ocorria na sala de aula e o quanto os objetos tiravam a atenção do estudante.

A partir do começo desse ano, entrei como estagiária na mesma escola e por já acompanhar a sala e o respectivo aluno, permaneci com eles. Uma observação bastante importante de ressaltar, é que durante o 1º ano dessa turma, eles tiveram uma troca de professoras, duas vezes. E no começo do 2º ano, entrou uma 3ª professora, que não permaneceu. Hoje (05/08/2022) eles estão com a 6ª professora, o que acabou gerando para eles uma insegurança por acharem que a turma era culpada por nenhuma das profissionais continuar com os mesmos, o que de certa forma acaba prejudicando o desenvolvimento deles como estudantes, pois não tem uma referência de profissional, e por sempre trocar as metodologias de uma professora para outra.

Nesse mesmo ano, meu aluno começou a tomar um medicamento indicado pelo seu médico, que ajudaria a “controlar” sua hiperatividade, o que funcionou, porém, de forma negativa. O mesmo não conseguia se concentrar durante as aulas por conta do efeito do remédio que o deixava “grogue”, e assim ele mal conseguia abrir o caderno e copiar a rotina. Foi conversado com os pais sobre tais reações e passado para o médico, a partir disso, foi trocado o medicamento.

A partir de tal mudança, o aluno tem avançado bastante no seu desenvolvimento, também com a ajuda do projeto “PERSONALIZA” na rede SESI, no qual tem a função de auxiliar alunos com dificuldades na leitura e escrita. Como é um aluno que se dá muito bem com desenho, estamos sempre propondo atividades que despertem o interesse na aprendizagem através de metodologias lúdicas e artísticas.

### **Relatos:**

(15/09/2022) “Com esse diversos “imprevistos” de troca de profissionais, era difícil a prática de inserir o PTDE para o aluno amarelo, pois muitas vezes os novos professores não conseguiam o tempo suficiente de analisar e desenvolver novas expectativas para o mesmo, e assim, acabavam utilizando de uma mesma metodologia para todos, porém, com uma flexibilização de tempo para que o aluno amarelo conseguisse realizar as atividades.”



## **Problema inicial**

Diversas trocas de professores nos anos iniciais, falta do Plano de Desenvolvimento Individual (PDI) e do Desenho Universal de Aprendizagem (DUA).

## **Pergunta da pesquisa**

O que tem funcionado para tal aluno ? E o que não tem dado retorno positivo. Qual a importância de ter uma referência de profissional para o desenvolvimento de aprendizagem do mesmo ?

## **Fundamentação teórica**

<https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/187159/172927>

## **Reflexões**

A partir dessas observações, foi possível refletir em como é fundamental usarmos todas as metodologias com esses alunos, até que encontre a melhor forma para o desenvolvimento de aprendizagem dos mesmos, sabemos que uma forma de ensino não atinge todos da mesma forma, fazendo com que uns fiquem mais desfalcados que os outros, por conta do ensino “padronizado”

Segundo Mantoan (2003, p. 97):

A educação inclusiva deve ser entendida como uma tentativa a mais de atender às dificuldades de aprendizagem de qualquer aluno no sistema educacional e com um meio de assegurar que os alunos, que apresentam alguma deficiência, tenham os mesmos direitos que os outros, ou seja, os mesmos direitos dos seus colegas escolarizados em uma escola regular.

## Bibliografia

MANTOAN, M. T. E. Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer? São Paulo: Moderna.

## APÊNDICE C

Tabela de observações PTDE

<b>Habilidades de vida diária</b>	Tem autonomia para uso do banheiro, higiene pessoal, alimentação; consegue tirar e colocar shorts e blusa; mantém os materiais escolares organizados.
<b>Motricidade</b>	Coordenação motora fina (consegue abrir e fechar a mochila, o estojo; tem preensão do lápis; utiliza talheres para comer; abre potes e garrafas; abre e fecha zíper; etc.); coordenação motora ampla (anda sem dificuldade; tem equilíbrio; consegue jogar bola; dança; segura bandeja e copo; outros).
<b>Sensorial</b>	Apresenta seletividade alimentar; sensibilidade a ruídos, toque, cheiros; apresenta fascinação visual por luzes, movimentos; tem fixação oral (coloca tudo na boca, lambe os objetos e as pessoas).
<b>Social/Interação</b>	Interage com seus pares e equipe escolar; participa de atividades em grupo ou prefere trabalhar de forma individual; compartilha interesses e brincadeiras; costuma se isolar.
	Compreensão (compreende gestos,

<b>Comunicação/Linguagem</b>	comandos simples, compreensão da linguagem oral); se comunica (verbalmente ou através de gestos, expressões); pouca ou nenhuma comunicação; presença de ecolalia (repetição mecânica de palavras ou frases).
<b>Comportamental</b>	Tem atenção, concentração; apresenta dificuldade em aceitar regras; não consegue ficar em sala de aula ou ficar sentado; baixa tolerância a frustração; tem hábitos e manias; apresenta comportamento infantilizado, movimentos motores repetitivos, interesses fixos, agressividade; outros.
<b>Desempenho escolar</b>	Tem noção de esquema corporal, noções básicas (cores, formas, tamanho), noção espacial e temporal; está alfabetizado ou em processo de alfabetização; não é alfabetizado; não tem noção da função social da leitura e escrita; na matemática, reconhece os números, relaciona o número a quantidade, faz contagem, realiza operações matemáticas; etc. Informações complementares da avaliação diagnóstica pedagógica.

## APÊNDICE D

### Forms de entrevista/ instrumento metodológico

Pergunta 1: Turma em que atua:

P1:1° Ano fundamental I

P2:1° Ano fundamental I

P3:1° Ano fundamental I

P4:1° Ano fundamental I

Pergunta 2: Qual é a sua função dentro da instituição ?

P1: Professora

P2: Estagiário

P3: Estagiária

P4: Professora

Pergunta 3: De maneira breve, nos descreva um episódio no qual você tenha observado em sala de aula, uma perspectiva POSITIVA e uma NEGATIVA no processo inclusivo de algum aluno deficiente e/ou neuro divergente:

P1. Positiva: situações vivenciadas pela turma de maneira intencional ou não, para que os estudantes percebam as diferenças e demonstrem em atitudes como ter empatia. Negativa: Falta de informação, compreensão por parte de toda equipe escolar e famílias.

P2. Uma perspectiva positiva vista em sala de aula foi a inclusão de um aluno com deficiência visual feita não somente por parte dos docentes e pela equipe da escola, mas pelos alunos também, sabe? A proposta da atividade era fazer uma corrida até a linha de chegada, e no percurso tinham alguns obstáculos a serem enfrentados. Geralmente no fundamental I, etapa onde ocorreu esta situação, os estudantes ainda estão se descobrindo como sujeitos, e entendendo seu lugar no mundo, fazendo com que as vezes tenham algumas atitudes competitivas e até mesmo egoístas em determinados momentos. Porém, todas se juntaram em benefício do amigo, vibrando, torcendo e literalmente o ajudando fisicamente a completar todo o percurso, fazendo com que ele também se sentisse pertencente ao ambiente escolar, que é tão importante neste momento.

Já uma negativa, foi quando um aluno com TEA foi participar de uma dinâmica de perguntas e respostas, e seus colegas o incentivaram a participar. Porém, o professor desprezou sua participação, pulando a sua vez.

P3. Um ponto positivo com a criança neurodivergente que eu atuava, é que a professora procurava sempre meu auxílio para um melhor desempenho do aluno, visto que, ela entendeu a necessidade que ele tinha de ter alguém para ajudá-lo, e assim, ele conseguia acompanhar o restante da turma. Em contrapartida, um ponto negativo nesse processo de inclusão, é que nem sempre havia um estagiário disponível para tal serviço e, muitas vezes, ele acabava por acumular atividades, fazendo com que ele perdesse algumas aulas, como de educação física, para poder fazer as atividades e correr atrás do prejuízo.

P4. Um ponto positivo é o avanço no desenvolvimento socioemocional que tenho observado na minha sala e ponto negativo é a quantidade de alunos dentro da sala de aula, o que dificulta o trabalho com o olhar mais voltado para a inclusão.

Pergunta 4: Como você define seu conhecimento acerca dos princípios da inclusão e suas práticas?

P1: Moderado conhecimento acerca do assunto.

P2: Moderado conhecimento acerca do assunto.

P3: Baixo conhecimento acerca do assunto.

P4: Moderado conhecimento acerca do assunto.

Pergunta 5: Descreva as estratégias e ferramentas utilizadas por você, seus professores e coordenadores para que obtivesse tal conhecimento acerca dos princípios da inclusão e suas práticas.

P1. Troca de experiências assertivas entre o grupo de professores. Parceria efetiva com o estagiário. Buscar profissionais multidisciplinares para esclarecimentos de dúvidas. Leituras e vídeos informativos.

P2. Há três estratégias fundamentais que utilizei:

- 1- Formações com profissionais da área da educação inclusiva a respeito da temática;
- 2- Pesquisas autônomas para ficar mais engajado no assunto;
- 3- Prática do dia a dia.

Enquanto estagiário EFEI (Estagiário Facilitador da Educação Inclusiva), participei de algumas formações que nos davam certas noções a respeito da melhor maneira de conduzir e mediar tais questões com alunos neurodivergentes. Porém, sem o auxílio de pesquisas autônomas e o próprio dia a dia, acredito que seria muito mais difícil e desafiador tanto para o estagiário, quanto para o aluno, então, as ferramentas citadas acima foram de grande importância para os momentos de atuação direta com os alunos.

P3. A princípio, o meu conhecimento acerca da inclusão é baseado em cursos que realizei, matérias da faculdade e algumas discussões. E, as estratégias utilizadas pelos gestores da escola foram conversas com a psicóloga escolar e algumas palestras.

P4. Na escola em que atuo, nós temos um plano chamado PTDE que é feito de acordo com as necessidades de cada inclusão. No meu caso, não foi necessário fazer adaptação para as minhas inclusões, pois todos conseguem acompanhar o conteúdo trabalhado com a turma. Temos auxiliares em sala que fazem um acompanhamento das crianças e buscamos sempre alinharmos as informações com a equipe multidisciplinar para obter o melhor desenvolvimento da criança.